



O empresário brasileiro
Leonardo Porto Oliveira
pratica stand up paddle

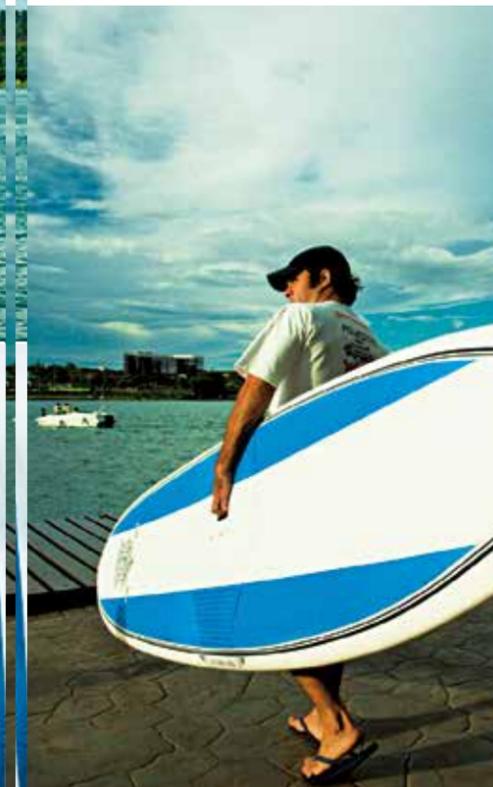
A onda eterna

VELA, REMO, RÁDIO CONTROLADO, KITE, STAND UP PADDLE E WAKESURF:
NO LAGO PARANOÁ, BEM LONGE DE QUALQUER PRAIA, VOCÊ PODE VER
E PRATICAR TODOS ESSES ESPORTES DE ÁGUA

POR DÉCIO GALINA FOTOS FELIPE GOMBOSSY



FOTO: NEHL HAMILTON



Em sentido horário, a partir do alto: o atleta Haroldo Ambrósio executa manobra no wakesurf; veleiros disputam regata Oceano; os pequenos barcos da classe Optimist; os três tripulantes do barco Bicho Solto; Ademir Maturino, craque do rádio controlado; e barcos a remo alinhados para competição

Nesta página, Leandro Porto com a prancha de stand up paddle; regata com ponte JK ao fundo; atletas no Clube Naval; Camila, de 14 anos, que adora velejar; e os amigos Léo, André e Juba

“CAÇA, CAÇA, CAÇA! Agora prende a corda com três voltas no sentido horário e morde!” As ordens no veleiro Paturi, de 23 pés, são passadas em alto e bom som pelo comandante Marcos Carraca, mineiro de Belo Horizonte, de 53 anos, bancário aposentado do Banco do Brasil. “Depois da boia, nós vamos cambiar e, Gui, atenção para soltar o balão!” Guilherme Müller Poletto, catarinense de Chapecó, está tão atento à manobra que nem parece um moleque, estudante de 13 anos. O vento sopra com vontade. Não faz muito sol nessa manhã de domingo de março. Céu nublado — e o lago Paranoá prateado. As 43 embarcações da regata Oceano do 36º aniversário do Clube Naval de Brasília deslizam silenciosas com a ponte JK ao fundo. Uma beleza.

Não se trata de cena rara da cidade. Brasília está acostumada a se divertir no espelho d’água de 40 quilômetros quadrados e 111 quilômetros de perímetro. Os esportes náuticos ganham adeptos desde o início dos anos 2000, quando o lago ficou limpo depois de mais de 20 anos de esforços da companhia de saneamento ambiental do Distrito Federal (Caesb). “O que aconteceu no Paranoá é um exemplo único de despoluição de um lago urbano nos trópicos”, afirma o biólogo carioca

Fernando Starling, coordenador do programa da Caesb. “No início da década de 90, investimos R\$ 700 milhões na construção de duas estações de tratamento de esgoto. Em seguida, entramos com o manejo dos peixes, liberamos a pesca da tilápia [peixe originário da África que se nutre do esgoto] e hoje temos 95% da superfície limpa, liberada para banho”, explica Fernando, que testou alternativas ecológicas de despoluição em seu trabalho de doutorado.

As boas condições do lago artificial criado em 1959 (com a barragem do rio Paranoá) possibilitaram um estilo de vida nem sonhado na época da inauguração da cidade. Ou alguém podia imaginar o Movimento dos Sem-Praia, organizado em 1995? O movimento serviu de semente para o 1º Campeonato Brasileiro de Surf, que aconteceu dois anos depois, na praia da Ferrugem, em Garopaba (SC). Hoje, os surfistas da capital federal aprimoram suas manobras com a prática do wakesurf: sem estar preso a nenhum cabo, o atleta surfa a ondulação produzida por uma embarcação de 340 cavalos de potência. “É a onda eterna”, resume o empresário brasileiro André Romão Lopes, de 34 anos, proprietário da loja (e restaurante) Mormaii, no Pontão do Lago Sul, o point do Paranoá.

Este ano, em maio, acontece a sétima edição do Campeonato de Wakesurf. Juliano Pupp Degrazia, o Juba, gaúcho de Porto Alegre, psicólogo de 35 anos, é o atual campeão e também detentor dos títulos de 2005 e 2004. Para conquistar esses campeonatos, Juba venceu profissionais do quilate de Fábio Gouveia e Carlos Burle. A nova onda de André, Juba e companhia no momento, porém, atende pelo nome de stand up paddle: em pé sobre uma prancha larga, eles se locomovem usando um remo. “Muitas vezes esse é meu meio de transporte para o trabalho”, comenta André, que esperava reunir cerca de 40 pessoas na 1ª Travessia de Stand Up Paddle de Brasília (prova de 12 quilômetros prevista para o fim de março).

LAGO FAMÍLIA

Desfrutar dos prazeres do Paranoá pode ser determinante na adaptação de profissionais de outros cantos do país. Foi o caso de Marta Kerr Pontes, paulista de Ribeirão Preto, de 27 anos, que chegou para trabalhar como psicóloga em Brasília há oito meses. “É um lugar com estrutura e rotina muito particulares. Escolhi praticar o remo não só para fazer uma atividade física, mas para me socializar. O que mais surpreende em Brasília é

o lago”, diz Marta, que treina no Clube Naval e adora investir o fim da tarde de sábado no Pontão do Lago Sul.

O lago serve ainda como um ótimo ponto de encontro para a família. A jovem carioca Camila Mendes, de 14 anos, veleja há quatro anos e segue se aperfeiçoando na classe Optimist, que utiliza barcos menores. “Comecei a velejar porque não tinha judô em Brasília. Também tentei o teatro, mas é muito fechado. A vela é ao ar livre, uma delícia.” Ricardo Pinheiro Padilha, pai de Camila e oficial da marinha, é adepto da natação e fã do Paranoá: “O lago umidifica o ambiente da cidade e proporciona uma série de eventos que você pode estar com os filhos”.

Do outro lado do lago, em frente ao Clube Naval, está a Península dos Ministros, pico onde costumam bater boas rajadas de vento para a prática do kitesurf, modalidade predileta do empresário brasileiro Leonardo Porto Oliveira, de 33 anos. “Aprendi o kite [o atleta fica sobre uma pequena prancha e é impulsionado por uma pipa] na praia, em Tibau do Sul [a 77 quilômetros de Natal, RN], e é fascinante continuar nesse esporte mesmo tão longe do mar, em pleno Planalto Central.” Quem também não demonstra a menor vontade de sair da cidade para se especializar em um esporte náutico é



No alto, calçadão em frente à Mormaí. Acima, Marta Kerr Pontes, que gostou mais de Brasília após começar a remar. Ao lado, mousse de caipirinha com sorvete de limão, do restaurante Le Jardin Du Golf; e Edmilson Figueiredo e a Barca Brasília

o economista André Proite, sócio do late Clube de Brasília, lar de 512 embarcações, entre elas a do iatista Lars Grael. André comprou o barco Bicho Solto (25 pés) no fim do ano passado e está conseguindo bons resultados nas regatas. “É um esporte desafiador e relaxante ao mesmo tempo. O calendário está lotado de competições, o que nos deixa sempre perto da natureza nas horas de lazer.”

O Paranoá é democrático a ponto de satisfazer até quem deseja mover apenas a ponta dos dedos para se deleitar com uma modalidade aquática. Estamos falando do rádio controlado: barcos de 1 metro de comprimento movidos por controle remoto que comanda leme e velas. O paulistano Ademir Maturino, engenheiro civil aposentado de 66 anos, tem 30 anos de experiência internacional no rádio controlado e garante que a raia do Clube Naval “é uma das melhores do mundo”. “Isso aqui é uma verdadeira terapia. Não faz barulho, não polui. O Paranoá é hipnotizante. Brasília é uma cidade maravilhosa, mas sem o lago...”



GUIA LAGO PARANOÁ

ONDE FICAR • Royal Tulip Brasília Alvorada Projetado por Ruy Ohtake. Bons quartos, piscina em frente ao lago e um lobby enorme com uma espécie de armação de dirigível no teto. A melhor hospedagem da capital. Setor de Hotéis e Turismo Norte, trecho 1, lote 1-B, bloco C. Tel.: (61) 3424-7000.

ONDE COMER • Patú Anú No cardápio, a proposta é a mistura de carnes de caça com elementos da cozinha regional. Setor de Mansões do Lago Norte, SML 12, conjunto 1, casa 7. Tel.: (61) 3369-2788. **Le Jardin Du Golf** Inauguração prevista para este mês. O chef mineiro Carlos Augusto Nasciutti Veloso atendia apenas 30 pessoas em sua casa; agora, foi para o Clube de Golfe. O carro-chefe é a picanha de cordeiro cozida em baixa temperatura por 12 horas. Setor de Clubes Esportivos Sul, trecho 2, lote 2. Tel.: (61) 3224-2718. **Mormaí Surf Bar** Comida japonesa, vitaminas e açaí com banana. Pontão do Lago Sul, lote 8. Tel.: (61) 3248-1265.

O QUE FAZER • Barca Brasília Passeio de três horas e meia pelo lago, com cinco rotas temáticas. Edmilson Figueiredo, acriano de Xapuri, dá verdadeiras aulas de história e geografia durante a navegação no trimarã com capacidade para 40 pessoas. Saída do píer do hotel Bay Park. Setor de Hotéis e Turismo Norte, trecho 2, conjunto 5. Tel.: (61) 8419-7192.